



BDSM, RACISMO E RELAÇÕES DE PODER: NOTAS REFLEXIVAS

TATIANE BORCHARDT DA COSTA¹; MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Acadêmica de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas – thatty899@gmail.com

²Profª. Drª. Curso de Psicologia – Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

BDSM se configura em uma sigla que representa várias práticas e expressões eróticas: Bondage e Disciplina (B/D), Dominação e submissão (D/s) e Sadismo e Masoquismo (S/M) (ARRAES, 2014). FREITAS (2012, p.29) classifica o BDSM como a junção de “diversas práticas sexuais/eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais” e/ou “sexualidades dissidentes”, termo utilizado por RUBIN GAYLE (1989) para classificar as sexualidades consideradas marginalizadas (FREITAS, 2012, p. 30). Sexualidades que estão invisibilizadas em um contexto patriarcal/moderno/colonial que na hierarquização do humano, as subalterniza.

Nessa perspectiva, o conceito de colonialidade de QUIJANO (2000) nos ajuda a refletir sobre esse processo de subalternização. Conforme o autor, a colonialidade “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista”. Trata-se da “imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo” que opera nos “planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social” (p.342). Tal conceito pode ser expandido para outras dimensões de poder, além da racial, como a econômica, da sexualidade e a do gênero, por exemplo (MIGNOLO, 2010, p.12).

Em se tratando do BDSM, LORDE (1982, p.4) ao falar sobre a dinâmica S/M ressalta que “o Sadomasoquismo é uma celebração institucionalizada das relações de dominante/dominad*s”. Ele nos prepara para “aceitar a subordinação ou para reforçar a dominação”. A autora salienta, ainda, que a afirmativa de que “exercer o poder sobre alguém que não o tem é erótico, mesmo numa representação, é legitimador, é programar o estágio emocional e social para a continuação desse tipo de relação” nas esferas política, social e econômica.

A problemática em torno do BDSM, racismo e relações de poder é evidenciada na medida em que emprega-se ao contexto sexual uma dinâmica hierárquica, porém, com a justificativa de haver consenso estabelecido entre os participantes. Há um paralelo direto entre esta discussão e a temática racial: faz-se o consenso um divisor de águas entre as relações de poder impostas pela colonialidade e aquelas estabelecidas no meio BDSM? Ou o BDSM se configura na atualização das relações de poder coloniais? Como esta discussão se apresenta nas mais diversas fontes de produção sobre o BDSM?

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivos problematizar o modo como o racismo é evidenciado em produções sobre o BDSM; e refletir sobre as relações raciais e as práticas sexuais não convencionais e/ou dissidentes.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um ensaio teórico, segundo a definição de MENEGHETTI (2011). Levando em consideração que em um ensaio teórico “é mais relevante estabelecer as dúvidas certas do que chegar às afirmações tidas como verdadeiras” (p. 330) este trabalho busca produzir reflexões e levantar questionamentos acerca da temática a qual se propõe, a fim



de “promover a construção de saberes por meio da relação intersubjetiva” (p. 331) entre ensaísta, objeto de estudo e demais atravessamentos.

As problematizações e reflexões aqui desenvolvidas partem da leitura e análise de cinco produções sobre o BDSM: 1) 120 Dias de Sodoma; 2) Sexo com mulheres negras e submissas; 3) Sadomasoquismo na comunidade lésbica; 4) *Where your gag comes from: BDSM is erotization of ancient torture*; 5) Unconventional sexual behaviors and their associations with physical, mental and sexual health parameters: a study in 18 large Brazilian cities.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Livro 120 Dias de Sodoma, de Donatien Alphonse-François, ou o Marquês de Sade, publicado em 1785, caracteriza-se como um conto erótico que explana sobre a história de quatro personagens, postos como homens libertinos e vis que obtêm prazer de práticas sádicas, torturas e assassinatos. Na terceira parte do livro, onde o autor já está citando as ‘paixões’ em forma de diário, a personagem que as narra enumera a ‘paixão’ número 19 como a de um homem que “Só enraba monstros, ou negros ou pessoas deformadas” (SADE, 1985, p. 298). Ilustrando uma fetichização da pele negra.

Em contraponto a esta erotização da pele negra, temos em FANON (2008), que versa sobre a relação colonizador/colonizado, a apresentação de um caso literário referente a busca pelo embranquecimento por meio da relação, seja ela sexual ou não, de uma mulher negra, Mayotte Capécia, com um homem branco. FANON também problematiza a erotização da pele negra, tanto do homem negro quanto da mulher negra, e conclui de forma assertiva que “de modo algum minha cor deve ser percebida como uma tara” (FANON, 2008, p. 82), sendo ele próprio um homem negro.

No texto intitulado Sexo com Mulheres Negras e Submissas, de Filipe Figueiredo, publicado em 2013, em seu blog pessoal, o autor comenta sobre uma polêmica que se instaurou em torno de um evento na rede social *Facebook* que tratava de uma festa universitária cuja temática eram fetiches, dentre os quais continha a palavra: ‘inter-racial’. O autor, então, explana que tal uso da raça como fetiche, apesar de poder não ser oriundo de uma pessoa racista, como sendo um ato “involuntário” ou não pensado, tem origens no período de escravidão, ou na colonialidade, onde os corpos de homens e mulheres negras escravizados foram classificados como para servidão, seja esta sexual ou não. Figueiredo aponta dois argumentos que defendiam a publicação do evento: a relativização da palavra ‘inter-racial’, não necessariamente voltada para a raça negra, havendo um ramo de fantasias sexuais relativas à asiáticas, ruivas e etc, no entanto, o autor comenta que tais fantasias não apresentam o mesmo valor que a subalternização da mulher negra, pelo fato de não envolverem aspectos sociais; o outro argumento seria a individualização da conduta, na qual este tipo de atitude estaria pautada na vontade individual de alguma mulher negra, ao que o autor coloca que “o indivíduo não eclipsa o coletivo: uma conduta individual não legitima reforçar um estereótipo que afeta milhões, de forma negativa e violenta.” O autor ainda ressalta a liberdade da mulher negra de fazer uso de práticas sexuais que a coloquem como submissa, conquanto que seja em um contexto consensual, que não a reduza a seu corpo apenas.

O texto Sadomasoquismo na Comunidade Lésbica se constitui como uma entrevista com Audre Lorde e Susan Leigh Star, datada de 1982, na qual Lorde comenta suas opiniões em torno do Sadomasoquismo dentro da comunidade



lésbica. Para esta autora, as duplas S/M e D/s do BDSM representam “uma celebração institucionalizada das relações dominante/dominad*s”, legitimando assim estas formas de relação de poder no âmbito político, social e econômico. Para LORDE (1982) o argumento de que este assunto se restringe ao quarto, algo equivalente ao que coloca Figueiredo (2013), não condiz com a realidade, haja vista que já existem publicações sobre BDSM, um comércio em torno do tema e há um lucro sendo produzido a partir deste contexto. LORDE (1984), além de questionar a hierarquização nas relações, fala sobre o uso do erótico como poder, sendo o erótico uma força que pode ser usada como fonte de poder, informação, crescimento e empoderamento, porém, pode ser utilizado também contra as mulheres, assim como confundido com seu oposto: o pornográfico, que representa a sensação sem sentimento, uma força vazia em relação ao erótico;

O texto *Where your gag comes from: BDSM is erotization of ancient torture*, publicado por BINKA (2013) em um site sobre Feminismo Radical, relaciona práticas sexuais atuais presentes no BDSM às formas de tortura utilizada contra negros escravizados e formas de controle misóginas às mulheres entre os séculos XVII e XIX, no âmbito colonial/patriarcal. A mordaça, por exemplo, artigo utilizado por alguns praticantes de BDSM, é mostrado como representante atual da mordaça colocada em negros escravizados como punição.

Nesta perspectiva, BINKA (2013) salienta a importância de considerar a pertinência do argumento de algumas mulheres, em geral mulheres negras, quando referem que a cultura BDSM tem o racismo e a misoginia incorporadas em suas práticas. Ressalta, ainda, que não é difícil compreender o quanto algumas práticas, alguns fetiches, partem de relações de subordinação e opressão das pessoas, transformando esse contexto em um drama sexualizado entendido como apenas ‘diversão e jogos’ para os participantes, espera-se que consensuais, envolvidos. Com isso, além da comparação direta entre racismo, misoginia e BDSM, vemos o questionamento da legitimidade da consensualidade nas práticas BDSM.

O artigo de Waldemar Oliveira Júnior (2010), faz um importante panorama entre as práticas sexuais não convencionais encontradas no Brasil e sua relação com a saúde mental, física e sexual. O autor refere que os chamados comportamentos sexuais convencionais envolvem relações sexuais entre dois adultos vivos, cujo objetivo é suprir e/ou procriar. Enquanto que os comportamentos sexuais não convencionais (USBs) são representados por preferências diferentes quanto ao seu objeto sexual, a idade do parceiro ou a natureza da atividade sexual.

Segundo os resultados do estudo de OLIVEIRA Jr. (2009), as práticas sexuais não convencionais estão associadas a transtornos psiquiátricos e à doenças sexualmente transmissíveis, e neste contexto, sua prevenção pode ser feita através da educação sexual, fator este relacionado à baixa frequência das mesmas. O autor refere que o comportamento sexual não convencional foi mais associado com “gênero masculino; estado civil solteiro e separado; **raça negra e parda** (grifo nosso); nível educacional médio e fundamental” (p.1). O próprio autor ressalta que a pesquisa não representa toda a população brasileira de modo geral, porém, observamos a prevalência de negros e pardos. Mas afinal, por que as práticas sexuais não convencionais estão mais presentes nesta população, segundo esta pesquisa? Estaria a população negra menos exposta a educação sexual? Há nisso relação com a subalternização da população negra?

4. CONCLUSÕES



A partir das produções analisadas é possível observar diferentes significâncias dadas as relações de poder que se estabelecem no meio BDSM, em detrimento daquelas observadas no processo de colonialidade. Assim como ocorre a colocação destas formas de hierarquia em paralelo, condenando ambas, há quem as oponha pela questão do consenso, conceito este que também se apresenta como questionável. Algumas análises referentes ao trabalho ainda estão em andamento, porém, fomentar a discussão no que tange a temática racial e sexualidade é essencial, já que podemos levantar questionamentos como: a prática de BDSM por pessoas negras é uma forma de combate as relações de poder ou representa o reforço aos estereótipos de subalternização?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAES, J. **Você sabe o que é BDSM?- Parte 1.** 2014 Acessado em: 11 mar. de 2017. Online. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/voce-sabe-o-que-e-bdsm-parte-1/>
- BINKA. ***Where your gag comes from. BDSM is erotization of ancient torture*** 2013 Acessado em: 29 set. de 2017 Online. Disponível em: <http://www.feministes-radicales.org/2013/08/08/where-your-gag-comes-from-bdsm-is-erotization-of-ancient-torture/>
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador; EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, F. **Sexo com mulheres negras e submissas.** 2013 Acessado em: 29 set. de 2017 Online. Disponível em: <https://xadrezverbal.com/2013/11/13/sexo-com-mulheres-negras-e-submissas/>
- FREITAS, Fátima Regina Almeida de. **Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo [manuscrito]: etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais.** 2012 Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás
- GAYLE, R. **Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidade.** Tradução Julio Velasco e Maria Angeles Toda. In: Vance, C. s. (Comp.). Placer y peligro: explorando la sexualidadfeminina. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.
- LORDE, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde (Coletânea).** Heretica Difusão Lesbofeminista. Edições lesbofeministas independentes. O Sadomasoquismo na Comunidade Lésbica: Uma entrevista com Audre Lorde e Susan Leigh Star (1982)
- _____. Os Usos do Erótico: O Erótico como Poder. (1984)
- MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **O que é um ensaio-teórico?.** Rev. adm. contemp., Curitiba , v. 15, n. 2, p. 320-332, Abr. 2011.
- MIGNOLO, Walter. ***Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.*** Argentina: Ediciones del signo. 2010
- OLIVEIRA Junior WM, Abdo CH. **Unconventional sexual behaviors and their associations with physical, mental and sexual health parameters: a study in 18 large Brazilian cities.** Rev Bras Psiquiatr 2010 Sep; 32(3): 264–74
- QUIJANO, Anibal (2000). **"Colonialidad del poder y clasificación social".** *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386
- SADE, M. **120 Dias De Sodoma.** 3º Ed., São Paulo: Editora Aquarius, 1785